

# MIGRAÇÃO, SUOR E SANGUE NA EXPLORAÇÃO DO ANÔNIMO TRABALHADOR PEÃO-DO-TRECHO<sup>1</sup>

Sérgio Ricardo Oliveira Martins<sup>2</sup>

Trabalhador ou mendigo? Quero, de início e sem qualquer receio, afirmar que *o peão-do-trecho é trabalhador*, que é mesmo *força consumida em serviços braçais e espoliativos*, que é *gente que se desgasta enquanto trabalha, migra e sofre a angústia de uma emoção sufocada: a família*.

Este é o migrante peão, um trabalhador encoberto pela miséria em que se encontra. Anônimo diante de albergues e em logradouros públicos, é não mais do que um entre muitos maltrapilhos às vistas dos transeuntes.

No âmbito deste trabalho, procuraremos analisar o movimento migratório no trecho em suas causas básicas, bem como as precárias condições sob as quais vivem e trabalham os peões-do-trecho.

## NO TRECHO, TRABALHO É MOVIMENTO

A marcante presença de pessoas muito empobrecidas no seio de instituições assistenciais, andando - com um saco nas costas - pelas ruas da cidade ou reunidas em pequenos grupos em logradouros públicos são algumas manifestações de um mesmo fenômeno: *o movimento migratório de trabalhadores no trecho*. São pois trabalhadores em plena atividade, disponíveis para os mais deferentes serviços, disponíveis para se deslocarem para aonde quer que seja. Por isso não param, mas estão longe de ser “andarilhos” sem qualquer destino.

De fato, é pelo trabalho que o peão migra no trecho. Não se trata contudo de um mero movimento de busca por alguma ocupação, mas de um movimento que se repete no trabalho que se realiza. Com efeito, é no contexto dos diferentes serviços que absorvem estes trabalhadores que encontramos alguns condicionantes fundamentais do movimento migratório em análise.

### A MISÉRIA: PRIMEIRA CAUSA

A miséria de uma vida de privações e sofrimento, como já afirmou BEAUJEU-GARNIER (1974) é causa básica da mobilidade da força de trabalho, das migrações internas. E o peão de trecho é alguém profundamente empobrecido, visivelmente degenerado, que transporta consigo múltiplas carências: de alimento, de saúde, de casa, de trabalho, da família.

Na medida em que o trabalhador migra, aparentemente por sua vontade ou para aproveitar uma “oportunidade econômica”, porém essencialmente por não encontrar em seu entorno mínimas condições para se realizar enquanto trabalhador e provedor de uma família, o movimento adquire o caráter de “opção forçada”. É o caso, por exemplo, dos mineiros e mineiras do Vale do Jequitinhonha que sazonalmente migram para o corte da cana na região de Ribeirão Preto, onde permanecem de maio a

---

<sup>1</sup>Reflexão baseada numa pesquisa realizada em instituições assistenciais de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, de 1990 a 1995.

<sup>2</sup>Geógrafo e professor da Universidade Católica Dom Bosco, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

novembro, a fim de garantir a subsistência de suas famílias num período em que não podem trabalhar a sua própria terra<sup>3</sup>.

Ingenuidade, contudo, seria pensar que a migração no trecho ocorre como processo aleatório, apenas forçado por uma vida de privações. Lembramos que migrar é sempre uma decisão difícil, posto que envolve custos e incertezas que são obstáculos reais ao movimento. Não se pode negar que a necessidade do trabalho, a fim de prover o sustento familiar, obrigam a partida, mas o trabalhador quase sempre toma o rumo dos serviços tidos como “certos”, isto é, os que se lhes apresentam por ofertas conhecidas. Por exemplo, a que faz o agenciador de mão-de-obra que, oportunamente, apresenta-se diante do peão a fim de recrutá-lo para a realização de serviços. Assim sendo, o migrante é forçado a sair na medida em que ficar não constitui alternativa plausível. Nestas condições, a migração não se caracteriza meramente por uma busca por trabalho por quem se encontra desocupado, na verdade se tornou um fato necessário, condição *sine qua non*, na vida de quem está apenas indo trabalhar.

### **TRABALHO INTERMEDIADO: SEGUNDA CAUSA**

A realização de trabalho no trecho é quase sempre por uma relação de trabalho intermediada. De fato, os trabalhadores no trecho estão a mercê dos serviços contratados pelo empreiteiro, o conhecido “gato”, que é figura nada recente neste meio. Muitos não têm alternativa e se sujeitam, tal é a sua necessidade de trabalhar. Percebe-se que a intermediação do trabalho, por seu próprio caráter, é fator que incrementa a exploração do trabalhador que se promove no trecho, mas esta atividade tem um outro efeito muito importante. Em alguns casos os “gatos” são ainda responsáveis pelas arregimentações (recrutamento de peões), o que significa que têm a função de *estimular* e *condicionar* o deslocamento dos trabalhadores. Sua ação, portanto, põe trabalhadores em fluxo para o trabalho, revelando um momento da migração no trecho que nada tem de espontâneo. Se o retorno para casa nem sempre certo, o trabalhador pode dar início a uma perambulação constante, passando a existir para o trabalho em condições de ampla disponibilidade e baixíssimo custo.

### **ESPOLIAÇÃO DO TRABALHADOR: TERCEIRA CAUSA**

O trabalho no trecho é marcadamente espoliativo. Os trabalhadores, nos mais variados serviços, são submetidos a condições de trabalho profundamente desgastante, além de terem a sua força de trabalho apropriada a custo muito baixo, definindo-se assim uma elevada taxa de exploração do trabalho. Trabalhando sob tais condições, o migrante do trecho sofre grande desgaste, padecendo um progressivo processo de degenerescência psicológica, social e, é claro, econômica.

O movimento constante a caminho dos postos de trabalho por certo impõe forte desgaste físico e psíquico ao migrante trabalhador, isto é, não temos dúvida de que há um processo claro de degenerescência físico-psíquica, social e econômica associado ao processo migratório que investigamos. Tal processo degenerativo, porém, tem causas menos aparentes. Referimo-nos a uma migração que não se resume aos deslocamentos no espaço; que está associada ao esfacelamento da família (do migrante, no caso); que é necessária para que o trabalhador, feito migrante, consiga se engajar em serviços oferecidos por um elenco de atividades que conjugam intermediação, superexploração e alienação do trabalhador pela dívida.

---

<sup>3</sup>Vale do Jequitinhonha, norte de Minas Gerais, região reconhecidamente de muita pobreza, de onde migram muitas famílias para trabalharem em inúmeros lugares e atividades em todo o país.

Com efeito, não é porque migra que o trabalhador empobrece progressivamente. O empobrecimento do trabalhador, essencialmente, não decorre de uma aparente condição de desemprego, do “não-trabalho”, que é apenas uma condição imediata e transitória em relação ao indivíduo. Na verdade, ele se degenera trabalhando. Há, pois, um mercado de trabalho que claramente se nutre da miséria do trabalhador, que é o que de fato o disponibiliza.

#### **DESCONTINUIDADE ESPAÇO TEMPORAL DA OFERTA DE SERVIÇOS: QUARTA CAUSA**

A demanda por força de trabalho no trecho apresenta um comportamento notadamente variável no tempo e no espaço. Os vários setores que ocupam a força de trabalho no trecho se diferenciam em seus calendários das atividades produtivas. Alguns serviços são nitidamente sazonais, como a colheita da cana, do algodão, de sementes de braquiária, o plantio da soja; outros empregam praticamente o ano inteiro, como nas carvoarias ou nas fazendas que requerem serviços gerais. Na verdade, todos esses tempos e espaços da oferta de serviços são traduzidos, no trecho, por amplos e constantes movimentos da força de trabalho. Migrar neste contexto é não mais que uma condição indispensável tanto ao trabalhador quanto ao capital que o requer.

O comportamento sazonal da demanda por braços, nas diferentes atividades que absorvem a força de trabalho no trecho, somente se impõe ao movimento no âmbito de cada uma dessas atividades. Intermitente porém repetida, ao nível do indivíduo, a migração no trecho é ininterrupta, constante, ao nível dos espaços que articula. Não por outra razão tal fenômeno migratório se revela permanente em relação às cidades.

Assim, a perambulação da força de trabalho no trecho está intrinsecamente associada às condições em que se realiza o trabalho no trecho, com os meios e a intensidade com que ocorre o consumo da força de trabalho. Porém não só.

#### **A ASSISTÊNCIA SOCIAL E O PAPEL DAS CIDADES NO TRECHO**

A perambulação no trecho é também um movimento de contínua demanda por serviços e recursos em instituições assistenciais presentes em cidades de todo o país. Os trabalhadores no trecho, quando vêm à cidade, alvejam sobretudo sua estrutura assistencial, mas buscam ali também trabalho. Passando alguns dias num albergue da cidade além do alimento e do lugar para dormir, pode-se obter informações sobre onde se está oferecendo este ou aquele serviço, pode-se mesmo ser recrutado pelo intermediário para uma atividade qualquer. Os recursos assistenciais são pois muito atraentes, são um apoio quase nunca prescindido. Mas é às sombras dessas instituições que os trabalhadores do trecho convivem com a contraditoriedade e com os estigmas.

Penalizados sobretudo pelo aspecto degenerado das pessoas que os freqüentam, os albergues são imediatamente identificados como lugares de vadios, de vagabundos, de ociosos. O peso desse estigma, pois, produz nos que por eles passam uma necessidade premente de demonstrar que são trabalhadores e, portanto, distintos daqueles (poucos) que são ociosos; que estão no trecho sim, mas trabalhando.

Com efeito, a cidade é envolvida pela migração no trecho como espaço de passagem e de apoio, portanto de sustentação do próprio movimento. Ela não atrai pelo que representa em termos de mercado de trabalho, mas sobretudo pelo que pode oferecer em termos de “agasalho, alimento e abrigo”. Considerando a situação dos trabalhadores no trecho, esta é uma função relevante no âmbito do mercado de trabalho que o absorve. Primeiro porque os recursos assistenciais representam tanto uma

economia para o trabalhador, na medida em que este deixa de gastar parte dos próprios recursos, como sua única alternativa de alimento e abrigo quando está na cidade. É neste sentido que o apoio assistencial participa como alternativa de subsistência em relação aos peões-do-trecho.

É necessário não esquecer o outro lado desta ação assistencial. Analisando esta realidade em Campo Grande, dentre outros municípios sul-matogrossenses, verificamos que a disponibilidade de recursos assistenciais não só garantem o atendimento social aos migrantes carentes no trecho, como também viabiliza, à administração desta assistência, o exercício de certo controle sobre os mesmos. É, pois, esse conjunto de recursos mobilizados pela assistência social (albergues, orientação, alimentação, passagens, documentos, etc.), noutros termos o “tratamento” - que é social e político - dispensado à questão migratória em particular, que nos impede de considerar a cidade como ponto de passagem tão somente; ela é antes espaço de sustentação da força de trabalho itinerante enquanto tal.

### **TRECHO, O QUE É DE FATO?**

Perambulação, trabalho e assistência eis que o trecho se revela em seu conteúdo. O trecho, pois, tem forma física, está no espaço, abrangendo a área de circulação e de trabalho de um grande número de trabalhadores migrantes. Mas o trecho, a bem da verdade, é muito mais do que a sua espacialidade. Ele assume sua plenitude como condição de existência da força de trabalho empobrecida, cuja realização de trabalho supõe sua migração antes e depois. O trabalhador só existe para o trecho em franca disponibilidade para o trabalho, empobrecido, porém esperançoso de poder mudar sua vida. Eis o verdadeiro “motor” da vida dos migrantes no trecho: a vontade de lutar, de trabalhar e poder reverter uma existência de grandes dificuldades. A nosso ver esse é um dado fundamental: no trecho, a existência é também de muita luta; o trecho, pois, tem uma alma e nela não se conta apenas o sofrimento e a desilusão, conta a saudade e muita esperança. Com um objetivo, o trabalhador luta contra a anulação de sua identidade, que é um processo operante no trecho, mas que está longe de ser inexorável.

### **A DESAGREGAÇÃO FAMILIAR: EFEITO DA MIGRAÇÃO NO TRECHO**

Há claras razões para que o peão-do-trecho possua vínculos fragilizados com a instituição família. Por um lado, ele é quase sempre o membro de uma família que deixou o núcleo familiar em busca de recursos, de alguma ocupação. Por outro, são as condições sob as quais o trabalhador, enquanto força de trabalho, se reproduz no trecho que impõem-lhe dificuldades na manutenção dos laços afetivos com a família: os ganhos com o trabalho são escassos e a circulação é constante. Neste sentido, esta é uma condição de existência da força de trabalho que atenta contra a subsistência unida do núcleo familiar, submetendo-o à desagregação, ao passo que gera grandes dificuldades à manutenção de contatos entre os membros migrantes e a família.

Que o distanciamento em relação à família, que é também uma perda do suporte emocional que ela representa, torne o trabalhador no trecho mais submisso diante da exploração que sofre é um fato discutível. Mas é certo que a ausência da família pesa fortemente sobre o trabalhador, constituindo-lhe causa de grande desgaste emocional ou psicológico.

Com efeito, resolver os problemas que concorrem para a desagregação familiar, que apenas em parte está no trecho, parece-nos fundamental à melhoria das

condições de vida e de trabalho desses trabalhadores. Mas cremos que a recomposição do núcleo familiar, o que significa restituir ao trabalhador a responsabilidade em relação a uma família, supõe necessariamente que esse mesmo trabalhador seja capaz de sustentar uma família com os mesmos ganhos do trabalho que realiza.

### **UM POUCO SOBRE O QUE FAZER**

Primeiramente, temos pela frente a miséria em que se encontram o peão e sua família, fator certo de disponibilidade deste trabalhador para qualquer tipo de serviço, onde quer que se realize. Combater a miséria tem sido a bandeira de luta de inúmeros grupos organizados para este fim em todo o país. É o caso, por exemplo, das pastorais que atuam diretamente junto ao migrante ou à família, num ímpeto conjunto de buscar alternativas de subsistência e melhoria das condições concretas de vida. São ações pontuais, porém relevantes quando por seus resultados satisfatórios. Multiplicá-las, eis o sentido da campanha “Ação cidadania contra a miséria e pela vida”, nacionalmente articulada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.

Por outro lado, considerando que as condições de trabalho no trecho são as mais espoliativas e insalubres, parece-nos muito claro que a intensidade da exploração está intimamente correlacionada à disponibilidade do trabalhador. Disponível para trabalhar em qualquer serviço e em qualquer lugar, os trabalhadores encontram mais facilmente pela frente empregadores (“patrões”) dispostos a superexplorá-los, a submetê-los a ritmos mais intensos e até mesmo a não remunerá-los. Por outro lado, a exploração é mais intensa e detestável onde a sua ocorrência é menos aparente, isto é, longe dos órgãos de fiscalização das condições de trabalho. Não há muitas alternativas, uma fiscalização eficiente, que não apenas responda com autuações e multas, mas que informe cada vez mais à sociedade sobre as irregularidades que encontra, ainda é o instrumento mais importante contra esta sórdida realidade trabalhista. Neste sentido, é bom olhar para a experiência mais recente. A ação da Comissão Permanente de Investigação das Condições de Trabalho em Carvoarias e Destilarias, em Campo Grande, que congrega várias representações da sociedade civil, em suas constantes visitas aos empreendimentos mais visados quanto às condições de trabalho, atuando, multando e divulgando, tem contribuído concretamente para melhorar as condições de vida e de trabalho nessas atividades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. C. de. *Modernização e pobreza: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social*. São Paulo: Unesp, 1994. 251p.
- BEAUJEU-GARNIER, J. *Geografia de população*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. 437p.
- CAMPO GRANDE. Secretaria Municipal do Bem-Estar Social. *Relatórios anuais do Núcleo de Orientação Social (N.O.S.)*. Campo Grande: SEBEM, 1985 a 1994.
- FLORA, M. C. di. *Mendigos: por que surgem, por onde circulam, como são tratados?* Petrópolis: Vozes, 1987. 151p.
- MARTINS, S. R. O. *Migração no trecho - trabalho, assistência e degeneração: estudo da população que passa pelos albergues de Campo Grande-MS*. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. 193p. (Dissertação de mestrado).
- ROSSINI, R. E. A Procissão dos Pobres: O Peregrinar do Cidadão Sem Cidadania. In: *Geografia e Gênero: a Mulher na Lavoura Canavieira Paulista*. São Paulo: FFLCH-USP, 1988. Tese (Livre-docência). USP, 1988. p.31-70
- SILVA, M. A. M. A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas a proletárias. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, v.1, n.1, p.9-15, mai./ago.1988.
- SPOSATI, A. *Vida Urbana e Gestão da Pobreza*. São Paulo: Cortez, 1988. 333p.